

ENVELHECIMENTO E TRABALHO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Aging and work: a literature review

Ducilene de Souza Libarino¹
Luciana Araújo dos Reis²

Recebido em: 15 ago. 2016
Aceito em: 15 jul. 2017

RESUMO: A velhice é uma das fases da vida do homem em que o processo de envelhecimento é mais nítido. É nessa fase onde as limitações e incapacidades começam a ocorrer, podendo interferir nas atividades fundamentais na vida do idoso, como por exemplo a atividade laboral. Diante disso, esse estudo tem o objetivo de realizar um levantamento bibliográfico sobre envelhecimento e trabalho, onde são discutidos 1) Percepções sobre o trabalho; 2) A transição para a aposentadoria; 3) Percepções sobre a aposentadoria; 4) Fatores determinantes de aposentar ou continuar trabalhando; 5) Capacidade para o trabalho. Essas discussões levaram à identificar a importância significativa do trabalho para o idoso, constituindo parte de sua identidade; a visão negativa da aposentadoria, onde está associada à incapacidade, ao “ser visto como velho”, sendo por isso necessário um acompanhamento profissional para a melhor aceitação dessa fase, onde são incluídos os programas de preparação para a aposentadoria. Além, disso, o principal fator responsável pela permanência do idoso no trabalho é a percepção de se sentirem úteis na sociedade. A capacidade para o trabalho também é uma condição fundamental para a escolha de continuar exercendo uma atividade laboral ou aposentar-se, pois ela está ligada às condições do idoso, como condições físicas, mentais, ergonômicas, psicológicas.

Palavras-chave: Trabalho. Envelhecimento. Aposentadoria.

ABSTRACT: Old age is one of the stages of human life in which the aging process is clearer. It is in this stage where the limitations and disabilities begin to occur, which can interfere with basic activities in life of the elderly, such as the labor activity. Therefore, this study aims to conduct a literature on aging and work, which are discussed 1) Perceptions of work; 2) The transition to retirement; 3) Perceptions of retirement; 4) Determinants of retire or continue working; 5) Ability to work. These discussions led to identify the significant importance of the work for the elderly, constituting part of their identity; the negative view of retirement, which is associated with disability, to "be seen as old", so it is necessary a professional monitoring for better acceptance of this phase, which are included the preparation of programs for retirement. In addition, that the main factor responsible for the elderly to remain in work is the perception of feeling useful in society. The ability to work is also a prerequisite for choosing to continue exercising a work activity or retire, because it is linked to the old conditions, such as physical, mental, ergonomic, psychological.

Keywords: Work. Aging. Retirement.

¹ Graduanda em Fisioterapia da Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR.

² Fisioterapeuta, Mestre e Doutora em Ciências da Saúde/UFRN, Estágio Pós-doutoral em Saúde Coletiva/UFBA/ISC. Docente Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Docente Titular da Faculdade Independente do Nordeste.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento está presente em todas as fases da vida do ser humano. É caracterizado pelo declínio lento e insidioso das propriedades funcionais em nível celulares, teciduais e orgânicos (AIRES, 2015). Esse processo de envelhecimento é mais perceptível na velhice, já que é nessa fase que a deterioração progressiva do organismo tende a limitar o indivíduo idoso na realização de diversas atividades de sua vida, tornando-o, na maioria das vezes incapaz.

Dentre as diversas atividades afetadas pelo processo de envelhecimento na velhice encontra-se o trabalho. As limitações na realização de determinada atividade laboral, seja física ou intelectual, são fatores primordiais para a permanência ou não do idoso no exercício profissional, optar entre continuar exercendo uma profissão ou aposentar-se são escolhas que, na maioria das vezes, dependem apenas da vontade do idoso.

O trabalho pode ser definido como uma atividade de caráter produtivo desenvolvida pelo homem, que requer esforço físico ou intelectual, remunerada ou não, que caracteriza uma ocupação profissional. Sua valorização ocorreu predominantemente na sociedade capitalista, onde passou a ser visto como mercadoria, sendo hoje considerado como parte central da vida do homem, constituindo sua identidade e sua existência. Quando o homem deixa de lado essa atividade, ele perde parte de sua identidade, um processo de perda que pode trazer riscos à saúde e à vida do idoso. Essa é uma fase da aposentadoria, onde o indivíduo vê duas possibilidades, de continuar trabalhando ou aposentar definitivamente. Esta última, nem sempre depende da vontade do idoso.

Para Canizares e Filho (2011) “a aposentadoria representa um processo gradativo de perdas que se relaciona com o envelhecimento patológico e que produz instabilidade emocional e desequilíbrio do padrão de vida, com consequências nocivas ao futuro”, enquanto que Moreira (2011), aponta que “a aposentadoria tem dimensões positivas, tais como: liberdade do trabalho, mais tempo para os relacionamentos, novo começo e mais tempo para atividades culturais e de lazer e para os investimentos”. Gvozđ et al. (2015) já vê os dois lados quando afirma que “a aposentadoria pode trazer anseios e insegurança, bem como alegrias e satisfação, visto que o trabalho se constitui como determinante para a organização e inserção social”.

Os principais fatores que interferem na permanência ou não do idoso no mercado de trabalho são: fatores socioeconômicos, muitos idosos ainda são os provedores da família ou contribuem com esse provimento; os fatores pessoais, voltados à percepção e a importância do trabalho para a vida do idoso; os voltados também às condições de saúde do idoso, sendo esta considerada a primeira pois se não há essas condições não há possibilidade da permanência no mercado de trabalho; fatores sociais, o trabalho proporciona ao idoso um espaço de relações entre colegas, impedindo o isolamento sentido, em muitos casos, pelo idoso que não trabalha; há ainda as oportunidades que o idoso encontra no mercado de trabalho, como condições de trabalho, horário, remuneração.

Para Menezes e França (2012) “a decisão da aposentadoria pode envolver três

situações: a saída definitiva da organização e do mercado de trabalho; a opção por se aposentar e trabalhar em outro tipo de emprego; ou adiar a aposentadoria e permanecer na mesma organização até se sentir apto a se aposentar”.

Para muitos dos idosos entrevistados nos estudos referenciais, a importância do trabalho está diretamente atrelada à valorização dada pela sociedade na realização do mesmo e à desvalorização da fase da velhice. A valorização do trabalho é claramente perceptível nas falas dos idosos, em diversos estudos analisados, pois para a maioria, continuar trabalhando mesmo após a aposentadoria, é sinônimo de se sentir produtivo na sociedade e de não se sentir inútil. Souza et al. (2010) reporta a percepção de trabalho como “obrigação moral do indivíduo”. Ainda para os autores, o trabalho é considerado algo ético, e quem não trabalha não segue essa ética, isso repercute nos aposentados que mesmo já terem dado sua contribuição à sociedade “sentem-se incompletos e/ou inúteis por estarem fora do mercado de trabalho”.

A população idosa se encontra em crescimento progressivo e considerável, já que a expectativa de vida aumentou e continua aumentando. Diante do exposto, discutir a relação entre o envelhecimento e o trabalho utilizando como base pesquisas já realizadas é imprescindível para conhecer os fatores que contribuem e que impedem o idoso de continuar exercendo uma atividade laboral, mesmo após a aposentadoria, além de entender o impacto do trabalho e da aposentadoria na vida do idoso.

Diante do exposto, esse estudo tem o objetivo de realizar um levantamento bibliográfico sobre envelhecimento e trabalho, onde serão abordadas questões sobre: 1) Percepções sobre o trabalho; 2) A transição para a aposentadoria; 3) Percepções sobre a aposentadoria; 4) Fatores determinantes de aposentar ou continuar trabalhando; 5) Capacidade para o trabalho.

METODOLOGIA

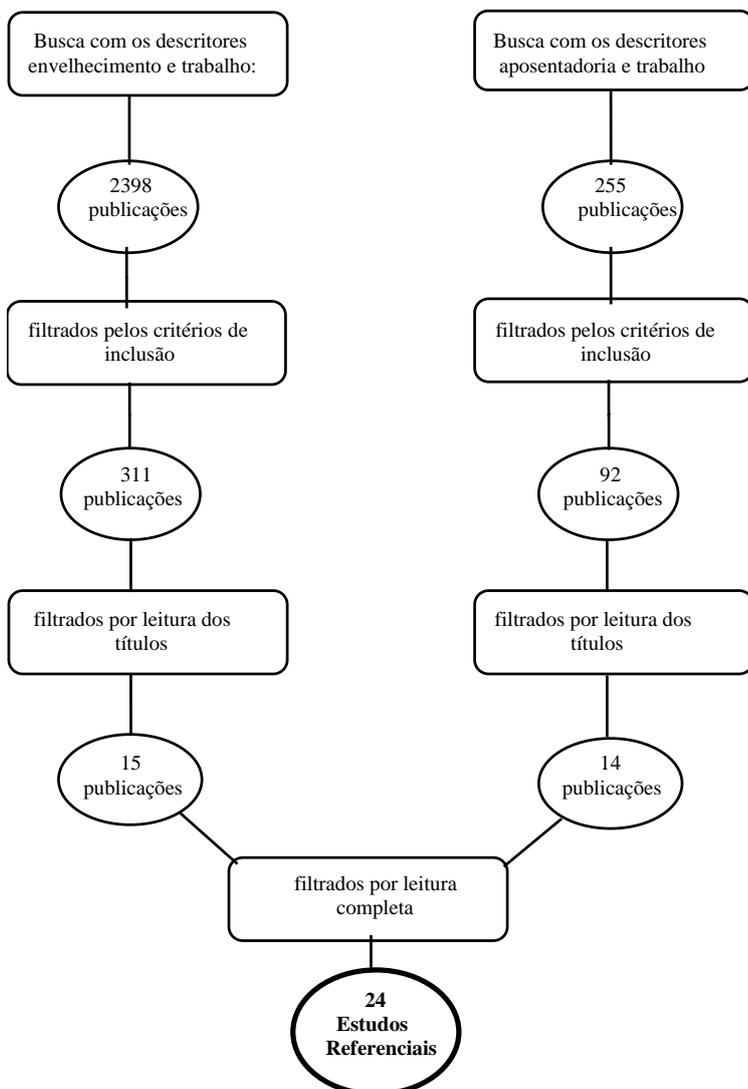
A presente pesquisa consiste numa revisão sistemática de literatura, baseada em artigos científicos que abordam a temática: produção de conhecimento científico sobre envelhecimento e trabalho, nos quais incluem discussões acerca do significado do trabalho para o idoso, da saída ou permanência do idoso no trabalho e da aposentadoria.

A busca dos artigos referenciais ocorreu nas bases de dados SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde, por meio dos descritores em ciências da saúde (DesCS), envelhecimento, trabalho e aposentadoria. Foi utilizado o operador booleano AND para duas buscas, envelhecimento AND trabalho e aposentadoria AND trabalho. Os métodos de inclusão foram o período de publicação dos estudos, compreendendo entre 2010 e 2015, a presença dos descritores envelhecimento e trabalho ou aposentadoria e trabalho e a disponibilidade em português, além da abordagem do tema principal. Os estudos que não apresentaram esses critérios foram excluídos.

Nas bases de dados, utilizando os descritores envelhecimento e trabalho, obteve

2398 publicações. Após filtrá-los, de acordo com os critérios de inclusão, permaneceram 311 estudos, nos quais foram submetidos à leitura dos títulos, sendo excluídos os que não se enquadravam na temática, restando 15 artigos científicos finais. Realizando a busca com os descritores aposentadoria e trabalho, obteve 255 publicações que, ao serem filtradas pelos critérios de inclusão permaneceram 92, onde, após submetidas à leitura dos títulos, permaneceram 14 estudos. Assim, foi finalizada a busca nas bases de dados e iniciado a análise dos artigos, onde foi constatado que 5 não abordava o tema de interesse. Portanto, a quantidade de artigos científicos referenciais para a elaboração do presente estudo resultou em 24. A coleta desses dados foi realizada no mês de novembro de 2015. Após essa seleção dos artigos de referência, foi construído um quadro sinóptico contendo informação referentes aos: autores, ano de publicação, periódicos, título, objetivo do estudo, sujeito e resultados.

Figura 1. Fluxograma dos métodos de seleção dos estudos referenciais a partir dos descritores: envelhecimento AND trabalho e aposentadoria AND trabalho.



Fonte: Dados da Pesquisa

As informações coletadas a partir dos artigos foram analisadas utilizando a técnica de análise temática fundamentada na análise de conteúdo de Bardin (2011). Porém, devido a grande quantidade de informações obtidas nos artigos tornou-se necessário o uso de uma ferramenta computacional de suporte para análise dos dados para auxiliar no manuseio e organização dos dados, facilitando assim, o processo de integração entre as categorias emergentes. Para tanto, utilizou-se o software de tratamento de dados qualitativos QSR NVivo®, versão 11.0, doravante escrito como NVivo.

O processo de análise de conteúdo foi operacionalizado em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação (BARDIN, 2011). Na etapa de *pré-análise* os artigos foram introduzidos no NVivo com o recurso de importação de fontes de informação, compondo assim, o *corpus* da pesquisa. Após a criação do banco de dados no NVivo, deu início a etapa seguinte, a de *exploração do material*, nesta etapa realizou a leitura exaustiva dos artigos e o processo de codificação com a decomposição dos conteúdos em unidades de registro com base nas expressões com sentidos equivalentes que surgiram ao longo do *corpus* da pesquisa, as quais foram agrupadas nas categorias analíticas emergentes dos dados empíricos.

Nessa etapa utilizou-se a técnica “nuvens de palavras” do Nvivo para análise do material empírico. Esta técnica pode ser compreendida como uma forma de visualização de dados linguísticos, que mostra a frequência com que as palavras aparecem em um dado contexto. A técnica de construção desta Nuvem consiste em usar tamanhos e fontes de letras diferentes de acordo com as ocorrências das palavras na categoria analisada, gerando uma imagem que apresenta um conjunto de palavras, coletadas do corpo do texto e agregadas de acordo com sua frequência, sendo que as palavras mais frequentes aparecem no centro da imagem e as demais em seu entorno, de modo decrescente. Dessa maneira, a aplicabilidade desta técnica contribui para a visualização do que é mais relevante nos artigos selecionados (DIAS; PARENTE; VASCONCELOS; DIAS, 2014).

De posse da nuvem de palavras e dos dados codificados foi iniciada a terceira e última etapa, a do *tratamento dos resultados*. Buscou-se a articulação entre o material empírico e o referencial teórico, possibilitando a ocorrência de outras contribuições teóricas sugeridas pela leitura do material empírico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A nuvem de palavras (Figura 2) apontou como mais frequentes, em ordem decrescente, as palavras: “aposentadoria”, “trabalho” e “capacidade”. Assim, cinco temas de análise emergiram: Percepções sobre o trabalho; A transição para a aposentadoria; Percepções sobre a aposentadoria; Aposentar ou continuar trabalhando: fatores determinantes; Capacidade para o trabalho;

Figura 1. Nuvem de palavras elaborada com base nos artigos selecionados para análise.

estar e do complemento da renda promovidos pelo trabalho, este também era um meio para a realização de planos para o futuro”.

Outro ponto relevante é que essas diversas percepções citadas demonstram que a importância do trabalho para o idoso não está vinculada apenas ao fator remuneração, mas outros fatores que tem a mesma ou mais relevância que este, como a satisfação pessoal, os vínculos de amizades. No estudo de Moreira, Barros e Silva (2014), o valor atribuído ao trabalho pelos idosos entrevistados correspondeu à muito positivo (60,0%) e positivo (40,0%), reforçando a necessidade do trabalho.

A TRANSIÇÃO PARA A APOSENTADORIA

Para Rodrigues e Brêtas (2015) “em nossa sociedade, ser velho significa, na maioria das vezes, estar excluído de vários lugares sociais. Um desses lugares, densamente valorizado, é aquele relativo ao sistema produtivo, o mundo do trabalho”. O afastamento do idoso de sua atividade laboral é um impacto muito significativo que pode trazer vários danos, tanto financeiros quanto psicológicos e emocionais. Diante disso, alguns idosos não estão preparados para a aposentadoria, pois na maioria das vezes não há um planejamento para tal etapa da vida.

A transição para a aposentadoria constitui a fase de preparação psicológica e emocional para a aposentadoria. Fase essencial para evitar principalmente danos emocionais e psicológicos no idoso devido o processo de aposentadoria. Em alguns estudos os entrevistados relataram a importância da existência de um Programa de Planejamento para Aposentadoria, como os de França, Menezes e Siqueira (2012), Panozzo e Monteiro (2013), Menezes e França (2012), Gvozd, Sakai e Haddad (2015), sendo que estes apontaram que esse tipo de programa “possibilita aos trabalhadores momentos de reflexão sobre tal fase da vida, para que possam desfrutar desse momento com qualidade”, em sua pesquisa ainda, observaram que 57,3% dos pré-aposentados entrevistados relataram que não se prepararam para a aposentadoria, indo de encontro ao observado por Moreira, Barros e Silva (2014), onde “90% dos entrevistados afirmam estarem preparados para a aposentadoria”.

Selig e Valore (2010) complementam com a importância dessa preparação “como uma oportunidade de refletir sobre as escolhas já feitas e de pensar em novas escolhas: seja a de uma nova carreira, de uma aposentadoria-lazer, de um retorno à família. Mas uma escolha consciente, uma decisão pessoal responsável”. Zanelli (2012) ainda afirma que o “Planejamento da aposentadoria é importante, sendo mais realizado por profissionais de maior nível de escolaridade”.

França e Murta (2014) afirmam que “a aposentadoria, quando não planejada, pode intensificar sentimentos de solidão e inutilidade, em virtude da perda da ocupação, da rotina, dos vínculos e da diminuição de ganhos financeiros”. Os autores ainda sugerem como deveria ser o foco das ações desses programas quando citam “os programas

preventivos na transição para a aposentadoria deveriam focar em ações pessoais, dirigidas a mudanças comportamentais, como fortalecimento da auto eficácia, redes sociais, autonomia e laços familiares, além de ações organizacionais, como políticas de aposentadoria gradual e voluntária. A presença de um psicólogo no programa é essencial segundo os autores. Khoury (2010) cita “a necessidade de preparação para a aposentadoria. É preciso preparar-se para saber reconhecer a hora de parar”.

PERCEPÇÕES SOBRE A APOSENTADORIA

Segundo Moreira (2011), “a aposentadoria, definida como encerramento das atividades profissionais, aparece associada à velhice e à incapacidade de trabalhar, portanto vincula-se a sentimentos negativos”. Porém, para Gvozd, Sakai e Haddad (2015) “a aposentadoria pode ser uma oportunidade para ter mais tempo para o parceiro, filhos e amigos; viajar a lazer; mais tempo para esportes; atividades culturais e hobbies; realização de projetos de desenvolvimento pessoal; relacionados à saúde; financeiros; atividades prazerosas diversas e superação pessoal”. No estudo desses autores, realizado com professores universitários aposentados, “51,2% dos entrevistados manifestam sentimentos positivos em relação à aposentadoria, tais como liberdade (33,0%) e satisfação (18,2%), enquanto que os sentimentos negativos representam 17% das respostas, sendo eles: ansiedade, medo, infelicidade e remuneração inferior ao salário atual”.

Na pesquisa de Canizares e Filho (2011) “verificou-se que a aposentadoria afeta mais a estrutura emocional do gênero masculino, tornando-o mais vulnerável a quadros de tristeza, sofrimento e desânimo, podendo originar outros problemas de ordem social (conflitos familiares) com importante impacto negativo na qualidade de vida”. Ainda nesse estudo, “os resultados sobre fatores de risco psicológicos mostram que a aposentadoria afeta mais os homens, as pessoas mais novas, com menor nível de autoridade no cargo e as pessoas com menor nível de escolaridade”. Esses sentimentos vinculados à aposentadoria condizem com os citados no estudo de Canizares e Filho (2011), realizado com militares aposentados, quando os autores citam que “constata-se a inquietação dos entrevistados frente a temáticas conflituosas decorrentes da aposentadoria. Assuntos como depressão, ansiedade, alcoolismo, isolamento, suicídio e morte foram manifestados”.

Selig e Valore (2010), ao mesmo tempo que apontam o desejo por maior tempo livre após a aposentadoria, por 5 de seus entrevistados, também aponta o receio à “inatividade, que é vista como possibilidade de doença”. Os autores ainda citam a preocupação dos entrevistados com a situação financeira após a aposentadoria, onde é percebido também nos estudos avaliados por Panozzo e Monteiro (2013), estes ainda citam um outro estudo que mostrou que “homens que se aposentaram mais jovens apresentaram maior probabilidade de ter problemas de saúde mental em relação aos trabalhadores acima de 65 anos”.

Nas entrevistas realizadas por França, Menezes e Siqueira (2012) sobre a

percepção da aposentadoria para garis, foi verificado que esses profissionais veem como “um possível recomeço, focada nos relacionamentos e nas atividades realizadas com cônjuges, filhos e comunidade”. Essa visão também ocorre em maior parte dos professores universitários entrevistados por Moreira, Barros e Silva (2014), onde 52,5% se veem com maior tempo livre, enquanto que 32,5% tem sentimentos negativos sobre a aposentadoria (medo da solidão, problemas financeiros).

Para Faleiros e Silva (2012) “a aposentadoria não significa por si mesma uma ruptura com o trabalho, pois, mesmo aposentados, há idosos que continuam trabalhando”. Neste estudo, os idosos aposentados passam suas horas de lazer no bar, mas justificam que “a ida ao bar configura bate papo, ver amigos, beber, jogar jogos”.

É notável os receios que muitos idosos apresentam sobre a aposentadoria. Medo da solidão, da invalidez, das doenças, das condições econômicas, são alguns dos detectados. A necessidade de programas de planejamento para a aposentadoria, como já discutido anteriormente, é relevante no sentido de mostrar o idoso os benefícios trazidos pela aposentadoria, no qual inclui maior disponibilidade de tempo para a família e amigos.

APOSENTAR OU CONTINUAR TRABALHANDO: FATORES DETERMINANTES

No trabalho desenvolvido por França (2013), os fatores que levaram os entrevistados a continuarem trabalhando são a flexibilidade e a autonomia. Muitos dos idosos que trabalham possuem horários flexíveis de trabalho, já que eles têm uma maior autonomia sobre suas tarefas. Já os entrevistados de Chrisostomo e Macedo (2011) alegaram que o principal motivo de continuar trabalhando foi a “dificuldade em permanecer continuamente em casa, provavelmente pela falta de contato social”. No estudo de Khoury (2010) os motivos levantados foram “a necessidade de se sentirem produtivo (primeiro motivo), aumentar a renda, conviver com outras pessoas, necessidade de se sentirem atualizados”, o autor ainda concluiu que “o retorno ao mercado de trabalho é influenciado por fatores psicossociais, mais do que por fatores de natureza econômica ou financeira”. É perceptível então, através dos estudos, a necessidade de socialização dos idosos aposentados, que muitas vezes é preenchida no ambiente de trabalho, quando o idoso opta por continuar trabalhando.

No estudo de Moreira, Barros e Silva (2014) os principais motivos que mantêm um professor trabalhando após os 60 anos foram “dinheiro, realização pessoal e possibilidade de manter a energia vital”. Neste estudo, 47,5% dos professores apontaram o dinheiro como motivo para continuar no mercado de trabalho. Esse achado é condizente com o de Cintra, Ribeiro e Andrade (2010), onde todos os entrevistados afirmaram que continuam trabalhando devido ao baixo valor oriundo da aposentadoria, 4 entrevistados ainda afirmaram que “trabalhar após se aposentar é uma forma de acabar com o estigma de que aposentado é um ser inútil e que dá trabalho para os outros”.

Uma outra pesquisa com professores universitários pré-aposentados mostrou que

48,8% desses profissionais pretendiam continuar trabalhando após a aposentadoria, com objetivo de “alcançar mais qualidade de vida, continuar uma vida ativa, ter autonomia, sentir-se útil, evitar o ócio, buscar o prazer, como ajuda financeira, para repassar e adquirir conhecimentos e manter a saúde psicológica. (GVOZD; SAKAI; HADDAD, 2015). Os termos “não ficar parado” e “inativos” também foram usados pelos entrevistados no estudo de Selig e Valore (2010).

Moreira (2011) afirma que “é importante ressaltar que os entrevistados se sentem atraídos pela atividade profissional e que, para eles, continuar trabalhando aponta para o pulsar da vida”. “A importância do trabalho na vida dessas pessoas e a ideia de inutilidade causada pela perda do papel profissional justificam, em parte, por que muitos continuam no mercado de trabalho mesmo após a aposentadoria” (RODRIGUES; BRÊTAS, 2015).

Porém, nem sempre o idoso tem a oportunidade de escolher se deseja continuar no mercado de trabalho ou não. Muitas vezes ele continua no cargo, mas com uma remuneração menor ou busca um emprego informal. “Excluídos do mercado formal de trabalho devido à idade da aposentadoria, restou aos idosos procurar o mercado informal nas ruas como uma forma de obter seu sustento ou complementar sua renda” (SIKOTA; BRÊTAS, 2012). Cockell (2014) ainda complementa quando diz que “a falta de oportunidade de continuidade no trabalho formal após a aposentadoria, somada à baixa escolaridade dos trabalhadores mais velhos, poderá resultar na (re) inserção deste perfil geracional no mercado de trabalho exclusivamente em trabalhos precários e nocivos à saúde”.

Uma pesquisa citada por Panozzo e Monteiro (2013) revelou os benefícios trazidos pela ocupação profissional, “os aposentados que estavam engajados em alguma atividade apresentaram menos limitações funcionais do que os que se aposentaram totalmente”. A percepção que muitos idosos têm sobre se aposentar e ficar “parado” em casa parece ter reflexo na saúde desse grupo.

“Quanto à decisão de postergar a aposentadoria e continuar trabalhando na organização, os resultados destacaram que os servidores públicos são fortemente influenciados pelos aspectos do trabalho, especialmente pelo controle do trabalho, que, por sua vez, caracterizam a autonomia do trabalhador sobre aquele” (MENEZES; FRANÇA, 2012).

CAPACIDADE PARA O TRABALHO

Não se pode deixar de lado um dos fatores cruciais para a permanência ou não do idoso no mercado de trabalho que é a Capacidade para o Trabalho (CT). As condições biológicas na velhice não podem ser comparadas com as de um indivíduo jovem. A capacidade física e intelectual no idoso vão sofrendo regressões que na maioria das vezes o impede de continuar em sua profissão, em alguns casos ele se aposenta definitivamente, outros mudam de função, ou outros ainda se aposentam mas continuam exercendo uma

outra atividade laboral. Rodrigues e Brêtas (2015) confirmam a expressão anterior quando diz em seu estudo, realizado com profissionais de enfermagem, que “conforme os trabalhadores vão envelhecendo ou adoecendo acabam sendo transferidos para setores de menor complexidade ou exercendo atividades mais leves”, atividades que requerem um menor Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT). “Esse índice pode ser utilizado por serviços de saúde ocupacional e permite o diagnóstico precoce de perda de CT” (SAMPAIO; AUGUSTO, 2012).

Sampaio e Augusto (2012) afirmam que “a CT interfere a produtividade, quanto maior o CT maior a produtividade”. No idoso, a CT é menor, resultando numa menor produtividade, o que interfere na falta de oportunidades que os idosos têm no mercado de trabalho. Os autores ainda apontam os fatores preditivos da CT, que podem ser agrupados em 3 categorias: “fatores relacionados ao indivíduo, ao trabalho e à vida fora do trabalho. Entre os fatores individuais, destacam-se idade, estado civil, desordens psicossomáticas, auto percepção de saúde, depressão, problemas físicos e hábitos de vida, como tabagismo, etilismo e prática de atividade física. Quanto aos preditores relacionados ao trabalho, esses são representados pelas condições ambientais, ergonômicas e demanda física e mental. A vida fora do trabalho diz respeito ao apoio de familiares e amigos, bem-estar e satisfação com a vida”. Logo, o fator idade se inclui como um dos fatores preditivos da CT.

Padula (2013) afirma que o declínio da capacidade funcional, que ocorre aproximadamente após 45 anos, pode comprometer a produtividade e a capacidade para o trabalho. Os resultados do estudo do autor sugeriram que “embora os trabalhadores mais velhos tenham avaliado positivamente sua capacidade para o trabalho, esse grupo já apresenta indicadores de saúde piores que o grupo mais jovem, especialmente no que diz respeito à composição corporal e à auto avaliação de saúde, ambas relacionadas a maiores índices de mortalidade futura”, ou seja, a percepção do trabalhador sobre a sua capacidade para o trabalho pode não ser real.

Amorimi, Sallai e Trelha (2014) destacaram os principais fatores que podem interferir negativamente na capacidade funcional, que estão diretamente relacionados com a CT, são eles “maior idade (41,1%), não ter companheiro, demanda física no trabalho (11,7%), ser tabagista e tempo prolongado de serviço em anos (5,8%)”. Observa-se que a condição maior idade é o principal fator negativo da CT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender que na velhice muitas atividades não podem ser mais desempenhadas como antes não é fácil. Compreender que existe a necessidade de abrir mão do trabalho para se aposentar também não é fácil. A percepção que os idosos têm acerca do trabalho é de extrema valorização. O trabalho passou a definir o homem, tornando parte de sua identidade. Não trabalhar mais, ou aposentar-se, é ser visto pela sociedade como “inútil”, “velho”, “incapaz”. E são essas definições que amedrontam o idoso na fase da

aposentadoria. A escolha de aposentar-se não é tão simples. É enfrentar uma sociedade que caracteriza o homem pela sua produtividade, e por isso, muitos idosos ainda preferem continuar trabalhando, para se sentirem importantes na sociedade, incluídos. Por isso, é percebido a importância da inclusão de programas específicos para preparar os idosos para essa etapa da vida, etapa que deve ser vista como um direito, uma fase de realizações, de novas conquistas.

A Capacidade para o Trabalho também foi vista com um fator importante para continuar exercendo uma atividade laboral. As capacidades mentais e físicas, principalmente, são indicadores que interferem no processo de permanecer ou não no trabalho. Na velhice, essas capacidades estão em declínio, impossibilitando o idoso de permanecer em seu trabalho, obrigando-o a aposentar-se.

Diante disso, os estudos voltados para a população idosa merecem destaque pois é uma população em crescimento progressivo, tendo como consequência a maior participação do idoso no mercado de trabalho e sua ocupação em cargos de relevância na sociedade, o que merece mais discussões na área.

REFERÊNCIAS

AIRES, M. M. **Fisiologia**, 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

AMORIMI, J. S. C.; SALLAI, S.; TRELHA, C. S. **Fatores associados à capacidade para o trabalho em idosos: revisão sistemática**. Revista brasileira de epidemiologia, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa. Edições 70, 2011.

CANIZARES, J. C. L.; FILHO, W. J. **Fatores de risco à senilidade na transição à aposentadoria**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2011.

CINTRA, T S.; RIBEIRO, D. F.; ANDRADE, A. S. **O cotidiano de aposentados que continuam trabalhando de maneira informal na indústria calçadista: percepções sobre a aposentadoria e o trabalho atual**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2010.

COCKELL, F. F. **Idosos aposentados no mercado de trabalho informal: trajetórias ocupacionais na construção civil**. Revista Psicologia & Sociedade, 2014.

CHRISOSTOMO, A. C. R.; MACEDO, R. **O trabalho segundo a visão de um grupo de aposentados**. Revista Kairós Gerontologia, 2011.

DIAS, M.S.A.; PARENTE, J.R.F.; VASCONCELOS, M.I.O.; DIAS, F.A.C. **Intersectorialidade e Estratégia Saúde da Família: tudo ou quase nada a ver?**. Revista Ciência e Saúde Coletiva, 19, 4371-82, 2014.

FALEIROS, V. P.; SILVA, S. F. **Trabalho, aposentadoria e lazer como hábitos segundo idosos que frequentam bares**. Estudo interdisciplinar de envelhecimento, 2012.

FRANÇA et al. **Aposentar-se ou Continuar Trabalhando? O que Influencia essa Decisão?**. Revista Psicologia: Ciência E Profissão, 2013.

FRANÇA, L. H. F.P.; MENEZES, G. S.; SIQUEIRA, A. R. **Planejamento para aposentadoria: a visão dos garis**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2012.

FRANÇA, C. L.; MURTA, S. G. **Fatores de risco e de proteção na adaptação à aposentadoria**. Revista Psicologia Argumento, 2014.

GVOZD, R.; SAKAI, A. M.; HADDAD, M. C. L. **Sentimentos e perspectivas de trabalhadores de instituição universitária pública frente à aposentadoria**. Rev Min Enferm, 2015.

KEGLER, P.; MACEDO, M. M. K. **Trabalho e aposentadoria militar: singularidades de uma travessia psíquica**. Revista Psico-USF, Bragança Paulista, 2015.

KHOURY, H. T. T. **Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais**. Revista Kairós Gerontologia, 2010.

MARTINEZ, M. C.; LATORRE, M. R. D. O.; FISCHER, F. M. **Capacidade para o trabalho: revisão de literatura**. Revista Ciência & Saúde Coletiva, 2010.

MENEZES, G. S.; FRANÇA, L. H. **Preditores da Decisão da Aposentadoria por Servidores Públicos Federais**. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 2012.

MOREIRA, J. O. **Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, 2011.

MOREIRA, J. O.; BARROS, F. M. B.; SILVA, J. M. **Aposentadoria e exercício profissional: um encontro possível para os professores de uma universidade católica**. Revista Psicologia Argumento, 2014.

PADULA et al. **Índice de capacidade para o trabalho e capacidade funcional em trabalhadores mais velhos**. Braz J Phys Ther, 2013.

PANOZZO, E. A. L; MONTEIRO, J. K. **Aposentadoria e saúde mental: uma revisão de literatura**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2013.

RODRIGUES, M. R.; BRÊTAS, A. C. P., **O envelhecimento no trabalho na perspectiva de trabalhadores da área de enfermagem**. Revista Trabalho, Educação e Saúde, 2015.

SAMPAIO, R. F.; AUGUSTO, V. G. **Envelhecimento e trabalho: um desafio para a agenda da reabilitação**. Revista Brasileira de Fisioterapia, 2012.

SELIG, G. A.; VALORE, L. A. **Imagens da aposentadoria no discurso de pré-aposentados: subsídios para a orientação profissional**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2010.

SIKOTA, C. S. S.; BRÊTAS, A. C. P. **O significado de envelhecimento e trabalho para vendedor ambulante idoso**. Revista de Enfermagem da UFSM, 2012.

SOUZA et al. **Reflexões sobre envelhecimento e trabalho**. Revista Ciência & Saúde Coletiva, 2010.

ZANELLI, J. C. **Processos Psicossociais, Bem-Estar e Estresse na Aposentadoria.**
Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 2012.